

“CAMINHAR”, “(RE)CONFIGURAR” E PRODUZIR CURTAS-METRAGENS: O RELATO DE UMA PRÁTICA ESCOLAR EM RIBEIRÃO PRETO/SP

Rafael Cardoso de Mello¹

Andrea Coelho Lastoria²

José Faustino de Almeida Santos³

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar quatro curtas-metragens desenvolvidos por alunos de uma escola particular de Ribeirão Preto, município localizado no interior do estado de São Paulo, em 2010. Para amparar nossa interpretação, realizamos inicialmente uma discussão teórica sobre o uso do cinema e dos curtas-metragens no ensino de História e Geografia, além de apresentar alguns exemplos de grupos que igualmente se enveredaram nesta temática no Brasil. Ainda nesta perspectiva, optamos pelas contribuições de Walter Benjamin e Paul Ricoeur, no que tange uma certa pedagogia do olhar cinematográfico e a relação entre o discurso audiovisual e a reconfiguração do real, respectivamente. A partir destas bases e amparados no desejo de uma formação cidadã, os autores deste artigo propõe uma leitura dos curtas-metragens produzidos por estudantes, sabedores de que carregam o mundo, ao seu modo. Por fim, cabe salientar que concordamos com o cineasta Walter Salles quando diz que “o papel do cinema é gerar uma memória de nós mesmos”.

Palavras-chave: prática pedagógica; curtas-metragens; Ensino de História e Geografia.

"WALK", "RESET" AND PRODUCE SHORT FILMS: THE REPORT OF A SCHOOL PRACTICE IN RIBEIRÃO PRETO/SP

Abstract: This article aims to analyze four short films developed by students of a private school in Ribeirão Preto, a city located in the state of São Paulo, in 2010. To support our interpretation, we initially conducted a theoretical discussion of the use of cinema in the teaching of history and geography, as well as presenting some examples of groups of teachers and researchers who did the same thing in Brazil. With this in mind, we chose the contributions of Walter Benjamin and Paul Ricoeur, regarding a certain pedagogy of the cinematic look and the relationship between the

¹ Mestre em História pela UNESP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Membro dos grupos ELO e GEPALLE/USP e CIER/UNESP. Membro da equipe do site www.cineducacao.jimdo.com. E-mail: profrcmello@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação e professora do Curso de Pedagogia no Departamento de Educação, Informação e Comunicação da FFCLRP/USP. Coordenadora do grupo ELO/USP. E-mail: lastoria@ffclrp.usp.br.

³ Mestre em Educação pela FFCLRP/USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Membro do grupo ELO/USP. E-mail: prof.faustino@hotmail.com.

audiovisual discourse and the reconfiguration of the real, respectively. From these bases and supported the desire for civic education, the authors of this article proposes a reading of short films produced by students, knowing that carry the world in their own way. Finally, we point out that we agree with the filmmaker Walter Salles when he says: "the role of cinema is to generate a memory of ourselves."

Keywords: pedagogical practice; short-films; History and Geography Teaching.

Introdução

A linguagem audiovisual vem se relacionando com o ensino de História e Geografia de forma cada vez mais intensa nos últimos anos. Tal afirmação é confirmada em diversos trabalhos de pesquisa que indicam o crescimento do uso desta linguagem no campo pedagógico.⁴

O cinema é potencialmente educativo, e os limites destes benefícios parecem não ter sido completamente contornados pelos pesquisadores. Segundo Silva e Ramos, o ensino escolar sempre se beneficiou do diálogo que travou com o campo cinematográfico, "quer trazendo filmes para seus espaços, quer encaminhando os alunos para sessões de cinema ou diferentes outras formas de acesso àquelas obras...".⁵

Por conta disso, a compreensão deste campo vem se tornando mais requisitada e proporcionalmente complexa. Atualmente, o uso de filmes com objetivos pedagógicos estão além de uma mera apreciação estética. Os filmes revelam um "real filmado" e também outras tantas informações

⁴ FERRO, Marc. *Cinema e história*. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010; NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003; PERINELLI NETO, Humberto; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; MELLO, Rafael Cardoso de. Prática de ensino em (micro)história e linguagem cinematográfica: o curta metragem como 'outra' narrativa histórica no e do local. *Educação: teoria e prática*, Rio Claro, v. 22, n. 39, p. 57-79, jan/abr 2012; ARAÚJO FILHO, Waldemir. *Cinema e ensino de história na perspectiva dos professores de história*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado – Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC/RJ; BLUWOL, Dennis Zaghera. *Uma geografia do cinema: imagens do urbano*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Pós Graduação em Geografia, PUC-São Paulo, São Paulo, 2008; GOMES, Ana Carolina Rios Geografia, imagens e sons: possibilidades de ensino-aprendizagem a partir de documentários. 14º EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 14ª. ed., Peru. Anais do 14º EGAL, Lima, s/ ed., 2013. Disponível em www.egal2013.com.pe (acesso em julho de 2015).

⁵ SILVA, Marcos Antonio da; RAMOS, Alcides Freire. (orgs.). *Ver história: o ensino vai aos filmes*. São Paulo: Hucitec, 2011.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

igualmente pertinentes, tais como a ideologia de uma época, os desejos daqueles que realizaram a filmagem, as limitações técnicas do processo de captura das cenas e de como os envolvidos elaboraram estratégias para tal. São materialidades que trazem a tona o “lugar social”⁶ da produção, filmagem, atuação, construção da narrativa, argumento, planos, enfim, as limitações e possibilidades no processo de construção da materialidade audiovisual.

No campo da História (e também do ensino de História), o filme é tomado como documento, e como tal, problematizado mediante sua natureza⁷. Questionar as intenções; as relações com o contexto de produção; os interesses da produtora, diretor, atores e demais envolvidos; a ideologia do momento; relações com censura; os planos; sons; etc. Segundo Marc Ferro, a capacidade do cinema, filme, documentário, enfim, de qualquer manifestação do audiovisual em revelar o mundo é imensa, porque:

[...] o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História... aquilo que não aconteceu (e porque não aquilo que aconteceu?) as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão história quanto a História.⁸

Amparados nos pressupostos da perspectiva historiográfica dos *Annales*, tomaremos a pluralidade dos documentos como um alargamento do campo de observação do passado. Mais do que isso, o uso deste expediente com vistas a objetivos educacionais permite mediar tempos (passado, presente e futuro) reais ou fictícios em situações-problema pedagógicas. Como escreveu Duarte, “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das

⁶ DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da História*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2002, pp. 65-122.

⁷ FERRO, op. cit.

⁸ Idem, p. 32.

pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”⁹.

É importante destacar que o uso desta linguagem não pode substituir a aula, dentro uma perspectiva pragmática, como Selva Fonseca nos alerta. A autora nos chama a atenção para o fato de que alguns docentes utilizam de tal expediente como mera ilustração das aulas, distração dos alunos ao ocupar o tempo, iniciativas outras que não se amparam em um planejamento anterior. Conforme escrito pela autora, ao se trabalhar com o audiovisual em sala de aula, é preciso estar atento a sua “contribuição significativa para a educação histórica, ética e estética dos indivíduos”¹⁰.

Quanto as relações com o campo do ensino da Geografia, podemos salientar novos conceitos advindos da intersecção entre esses campos. Um exemplo da presença da Geografia na leitura de filmes pode ser vista na análise de David Parkinsons do longa-metragem “The adventures of Dolie”¹¹:

[...] Griffith compões cuidadosamente para utilizar todo o quadro e frequentemente usou o foco profundo e tomadas de longa distância para aumentar o drama. Ele cortou a ação toda, permitindo que o conteúdo narrativo determinasse a colocação da câmara e o momento do corte, e o “last minute-rescue” (resgate de última hora) (que viria a se tornar uma espécie de marca registrada) foi particularmente notável por seu ritmo e consistência da “screen geography” (geograficidade da tela) (tradução do autor).¹²

A referida “geograficidade da tela” pode ser interpretada como significados, leituras, espacialidades contidas nos filmes, paisagens reais ou fictícias, visíveis ou invisíveis, que nos auxiliam a criar relações com nossos lugares, territórios, etc. A construção da ideia de nação, pátria, religiosidade, identidade, enfim, infinidades de elementos culturais que

⁹ DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.17.

¹⁰ FONSECA, Selva G. Cinema e ensino de história. *Estante Antiga*, Belo Horizonte, Revista Arquivo Público Mineiro, v. 1, no. 8, ano IV, jan./jun. 2009, p. 156. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/estanteantiga_2009.pdf (acesso: julho de 2015).

¹¹ Dirigido por D. W. Griffith em 1908.

¹² PARKINSON, David. *History of film*. New York. Thames and Hudson Inc. 1996, p. 24 apud BLUWOL, op. cit., p.02.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

(re)montam nosso universo estão ali disponibilizados. Os contornos desta intersecção materializam uma “geograficidade filmica”, caracterizada por Bluwol da seguinte maneira:

Há, portanto, uma geograficidade filmica. Como ela é constituída? Um ponto para se começar a discutir os próprios limites do olhar/representação cinematográfico: o que e quanto da ‘realidade’ será captado pela câmera e projetado na tela. Daí vem os conceitos de quadro, campo e plano no Cinema...¹³

O referido autor valoriza as muitas competências da linguagem cinematográfica para possibilitar aprendizagens geográficas. Entendemos que o professor que opta pelo ensino de História e Geografia a partir da linguagem cinematográfica ganha exponencialmente com o conhecimento acerca destes conceitos (quadro, plano, roteiro, etc.). Trata-se de tecnologias audiovisuais que compõe a representação dos conceitos históricos e geográficos.

Assim como Bluwol¹⁴ outros trabalhos vêm reconhecendo tais ganhos e os atualizam na medida em que incorporam ao campo epistemológico novas tratativas teóricas e metodológicas. Mesmo quando nos atentamos especificamente as relações entre o ensino de História e Geografia e os curtas-metragens¹⁵, não deixamos de indicar diversos grupos responsáveis por investigações nesta área nos últimos anos no Brasil.

Em Curitiba/PR, o projeto *EduCultura* mobilizou mais de quarenta professores da rede pública ao promover cursos, de julho a novembro de

¹³ Idem, p. 05.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Neste artigo usamos a definição de curta-metragem apresentada por Alcântara (2014) por ser bastante ampla e objetiva. Segundo o autor, a maioria dos dicionários considera esse tipo de produção como “Filme Curto, cuja duração é geralmente inferior a 30 minutos” (p. 17).

2014, com finalidade de produção de curtas-metragens para fins pedagógicos.¹⁶

No interior do estado de São Paulo, o grupo CIER (Centro Interdisciplinar de Estudos Regionais), localizado na cidade de São José do Rio Preto/SP é outra importante referência. Instalado na Universidade Estadual Paulista - UNESP e coordenado pelo Professor Dr. Humberto Perinelli Neto, o grupo se propõe, desde de 2010, a produzir, organizar e refletir a elaboração, o uso e a interpretação dos curtas-metragens, vinculados a problematização da História e da Geografia da referida cidade. Este programa conta com inúmeras atividades, tais como uma Mostra de curtas e cursos para formação de professores, ações que possibilitam alunos do curso, discente e docentes das redes pública e privada daquela região o contato (e o uso) com o material disponível na internet (www.cineducacao.jimdo.com).¹⁷

Um último exemplo é o portal *Curta na escola*, que desde 2007, salvaguarda curtas-metragens nacionais com vínculos pedagógicos. Localizado no endereço eletrônico <http://portacurtas.org.br>; o portal possibilita o uso de ferramentas e filmes para os professores, tal como o site anteriormente citado, com grande potencial de alcance devido às características da internet.

Quanto a nossa perspectiva de planejamento do uso e da interpretação dos curtas-metragens, utilizaremos as perspectivas teóricas de dois autores: o filósofo, crítico literário e um dos membros da consagrada

¹⁶ Cf. <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/cinemateca-exibe-curta-metragem-feito-por-professores-de-escolas-municipais/34732> (acesso: julho de 2015).

¹⁷ Interessante ressaltar os trabalhos acadêmicos que investigam tal material, realizado nos últimos anos. Cf. BRANDOLEZI, Mariana de O. O. *Próximo e visível: reflexões a partir das experiências envolvendo curtas metragens*. São José do Rio Preto, 2013. Monografia (TCC – Pedagogia), Programa de Graduação em Pedagogia, IBILCE-UNESP; SANTOS, Renata Luiza X. dos. *Reflexões sobre ensino de história no Ensino Fundamental I: a propósito de observações e experiências vivenciadas numa escola pública municipal de São José do Rio Preto-SP*. São José do Rio Preto, 2013. Monografia (TCC – Pedagogia), IBILCE-UNESP; CARVALHO, Patrícia de T. *Ensino de História e TIC: apontamentos bibliográficos*. São José do Rio Preto, 2014. Monografia (TCC – Pedagogia), Programa de Graduação em Pedagogia, IBILCE-UNESP.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

Escola de Frankfurt, Walter Benjamin (1892-1940) e o também filósofo e professor Paul Ricoeur (1913-2005).

Em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin caracteriza a criação artística como uma ação humana que sempre se pautou na reprodução do real. A história da arte pode ser interpretada a partir de uma leitura progressista da relação reprodução / técnica: a fundição, a cunhagem, a xilogravura, a litografia, a fotografia, o cinema... quanto mais se aprende a capturar e copiar o real “mais perfeitamente possível”, mais se faz negando a particularidade humana que o objeto da cópia contém:

Uma vez que olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução de imagens foi tão extraordinariamente acelerado que pode colocar-se a par da fala. O operador de cinema ao dar à manivela, no estúdio, pode acompanhar a velocidade com que o actor fala.¹⁸

O aqui e o agora do objeto artístico, esta “aura” que a mesma carrega (o *hit et nunc* da obra de arte), se perde mediante a reprodução acelerada e quantificada, percebida nos avanços tecnológicos do modo de produção capitalista. Na autenticidade, mesmo na reprodução mais perfeita do real, “falta” alguma coisa e é esta falta que faz de uma foto ou de um filme desertor deste espírito que o original é e tem.

Dois são os motivos para tal: o primeiro se faz no fato de que a reprodução técnica é diferente da manual. Um aparelho (seja ele uma lente, uma câmera, etc) pode realizar com competências diferentes aquilo que a mão e o olho humano consegue; o segundo deriva do movimento e da dinâmica do “original” graças a cópia, por exemplo, a obra de arte leva o original a galerias, espaços e públicos que ele próprio não consegue atingir. A obra de arte põe em contato o olho de quem a aprecia com o original

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Gurnnewald. São Paulo: Abril, 1975, p. 12.

distante. Como diz Benjamin, “a catedral abandona o seu lugar para ir ao encontro do seu registo num estúdio de um apreciador de arte, a obra coral, que foi executada ao ar livre ou numa sala, pode ser ouvida num quarto”¹⁹.

As situações a que se pode levar o resultado da reprodução técnica da obra de arte, e que, aliás, podem deixar a existência da obra de arte incólume, desvalorizam-lhe, de qualquer modo o seu aqui e agora. Ainda que, de forma nenhuma, isto seja apenas válido para a obra de arte e corresponda, por exemplo à paisagem que, num filme, se desenrola perante o espectador atinge-se, através deste processo, um núcleo tão sensível do objecto de arte que uma vulnerabilidade tal não existe num objecto natural. É esta a sua autenticidade. A autenticidade de uma coisa é a suma de tudo o que desde a origem nela é transmissível, desde a sua duração material ao seu testemunho histórico. Uma vez que este testemunho assenta naquela duração, na reprodução ele acaba por vacilar, quando a primeira, a autenticidade, escapa ao homem e o mesmo sucede ao segundo; ao testemunho histórico da coisa. Apenas este, é certo; mas o que assim vacila, é exactamente a autoridade da coisa.²⁰

É deste “aqui e agora” que o autor destaca como aura da obra artística. Ao retornarmos a discussão sobre cinema e educação, compreender o filme ou o curta-metragem na perspectiva benjaminiana, seria permitir o olhar capturar tal “falta” de real que a cópia “não conseguiu produzir” mediante sua base - o próprio real.

Nesse sentido, um “filme histórico” documenta uma paisagem (categoria teórica da relativa ao espaço geográfico) e um tempo (objeto central da História) que reproduzem (cópia, versão) do real. É nesta perspectiva que o filme nos serve como documento²¹; na medida em que materializa a versão dos sujeitos envolvidos (artistas) e emprestam de novos significados o tempo e o espaço, conteúdos trabalhados em sala de aula por nós (professores).

É importante destacar que Walter Benjamin compreende a reprodutibilidade técnica como uma reinvenção cuja dinâmica é empobrecedora. O filme seria a grande novidade multiplicadora das cópias,

¹⁹ Idem, p.13.

²⁰ Idem, pp.13-14.

²¹ FERRO, op. cit.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

e, na sua capacidade de comunicação com a massa, decantaria o objeto reproduzido sem a aura, sem o seu “aqui e agora”, sem sua tradição. Ao materializar o filme (objeto de mercado) cristaliza-se no “lugar da ocorrência única a ocorrência em massa”.

Este processo de mudança das formas de negociação com a arte, promove uma nova forma de ver o mundo, entendê-lo, assim como entender a si mesmo. Há uma “desterritorialização do olhar”, uma leitura posta de outra forma, promovendo compreensões inéditas apreendidas por este olhar “novo”. Segundo Jan Masschelein, também interprete das relações entre este educação-cinema e as propostas benjaminianas, tais mudanças devem promover uma nova “pedagogia do olhar”:

Na verdade, quero entender o “educar o olhar” não no sentido de educare (ensinar), mas de e-ducere, como conduzir para fora, dirigir-se para fora, levar para fora. Educar o olhar não significa adquirir uma visão crítica ou liberada, mas sim libertar nossa visão. Não significa nos tornarmos conscientes ou despertos, mas sim nos tornarmos atentos, significa prestar atenção.²²

O cinema passa a ser um convite para olhar de forma diferente, nova, não presa as premissas anteriores, mas libertar dos absolutos e das fórmulas cartesianamente construídas de interpretação da arte, do passado, enfim, do real.

Para avançarmos neste postulado do aprender a ver, tomaremos outro texto de Benjamin, chamado “Rua de Mão Única”, em que o autor escreveu o seguinte:

A força de uma estrada do campo é diferente quando caminhamos por ela e quando voamos sobre ela num avião. Da mesma forma, a força de um texto quando lido é diferente de sua força quando copiado. Quem voa vê apenas o modo como a estrada penetra pela paisagem, como ela se desdobra de acordo com as leis da paisagem ao seu redor.

²² MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação e Realidade*. UFRGS, v. 33, n. 1, p. 35, jan.-jun. 2008.

Somente quem anda a pé pela estrada conhece a força que ela tem, e como, da mesma paisagem que para quem voa é apenas uma planície aberta, ela desvenda distâncias, mirantes, clareiras, panoramas a cada curva como um comandante posicionando soldados numa frente de batalha. É somente o texto copiado que comanda, assim, a alma de quem se ocupa dele, ao passo que o mero leitor jamais chega a descobrir os novos aspectos de seu interior que são abertos pelo texto, a estrada corta ao meio a floresta que vai constantemente se fechando atrás dela: porque o leitor segue o movimento de sua mente no vôo livre da imaginação, enquanto quem copia submete a mente ao seu comando.²³

Por tanto, caminhar e voar são formas diferentes de se relacionar com o real. Enquanto caminhar nos permite a transformação de nós mesmos via experiência, o voar distancia o sujeito e insere o real numa superfície única, homogeneizadora. Caminhar e voar são formas diferentes como ler e copiar o texto. Para Masschelein, quando Benjamin faz esta diferença, ele nos alerta para o fato que quem voa, “‘vê’ apenas, mas quem caminha pela estrada ‘aprende com a força que ela tem’”.²⁴

O contato com o cinema não deve ser uma mera “aquisição de informações”, o voo panorâmico sobre um tema, uma observação distante das questões desenvolvidas em sala. “Entrar” no filme, “viver” o drama, “sentir” os planos, os sons e as cores é extremamente importante. Assim como é fundamental “caminhar” nas ruas que a linguagem cinematográfica é um exercício de aprendizado, uma atitude reflexiva para o ensino-aprendizagem, tanto dos alunos quanto dos professores.

Para além desta vivência do discurso cinematográfico, nossa investida teórica se baseia também em alguns pressupostos de Paul Ricoeur. Segundo este autor, a experiência do olhar pode ser qualificada de outras formas. O filme pode ser, ao mesmo tempo, uma compreensão tripla do real, na medida em que configura uma relação presente-passado-futuro com o leitor/espectador. O mundo, enquanto representação da realidade e

²³ BENJAMIN, Walter. One-Way Street. In: _____. *One-Way Street and Other Writings*. (Tradução de E. Jephcott ; K. Shorter). London: NLB, 1979, apud MASSCHELEIN, op. cit., p.37.

²⁴ Idem, p.38.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

experienciado pelos seres humanos é um lugar perenemente instável, constantemente aberto para significação, dependendo das articulações entre as experiências humanas e a linguagem (tempo vivido e tempo narrado)²⁵. Em outras palavras, “entre a experiência e a consciência”.²⁶

Entendendo o tempo como algo não linear, o autor se ancora em autores como Aristóteles e Santo Agostinho para interpretar a relação que temos com a temporalidade. Primeiro, de forma tripartida, entendemos o tempo não apenas como um passado, presente e futuro, mas sim como presente único que encerra estes três “tempos”: 1 - aquele se passou (um passado-memória), na medida em que hoje nos lembramos dos fatos ocorridos contornados pelas nossas condições materiais e existenciais; 2 - o presente propriamente dito, tempo de leitura do real e das vivências, experiências e aquisições de novas situações a serem lembradas num futuro. Tempo este também de construção de si e de identidade; e, por último, 3 - o futuro, como mera projeção do presente, igualmente amparado nas condições de projeção que o presente permite.²⁷

Estas três categoriais temporais caminham juntamente com o conceito de mimese. É apenas aí que há o encontro entre o tempo vivido e o tempo da narrativa, na medida em que a mimese se faz como “uma imitação criadora da experiência temporal que faz concordar os diversos tempos da experiência vivida”²⁸. Para o próprio Ricoeur: “A mimese não se constitui em uma imitação pura e simples, ela extrai sua inteligibilidade de sua função

²⁵ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, Papirus, 1994.

²⁶ BARROS, José D'Assunção. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 02, jan.-abr. 2012.

²⁷ CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. *Verso e Reverso*, UNISINOS, Ano XXIX, v. 1, n. 55, p. 47-56, janeiro-abril, 2010.

²⁸ BARROS, op. cit., p.10.

de mediação, que é de conduzir do ponto de partida do texto ao ponto de chegada do texto, por seu poder de refiguração”.²⁹

Sobre os momentos de construção da mimese, Ricoeur nos permite entender como uma experiência temporal dividida, tal como o próprio “tempo”, em três momentos. A saber: Mimese I: momento de pré-compreensão do mundo e da ação; pré-compreensão do mundo narrado e articulado em formas, regras, normas simbolicamente mediatizadas; experiência prática que precede o narrar. Mimese II: o encontro entre o mundo pré-configurado e a consciência; a mediação entre as esferas, momento intermediário, dinâmico, fluido, complexo, variado para cada ser na sua singularidade, que determina a configuração de sentidos ajuizados pela consciência. Mimese III: a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte/leitor, estágio da “refiguração” a qual Ricoeur nos falava a pouco.³⁰

Dessa maneira, a cada encontro dos alunos (espectadores de cinema) com os discursos audiovisuais produzem significados novos, dependendo das prefigurações dos sujeitos e do mundo simbolicamente montado, tanto no singular quanto no coletivo. Toda leitura é, portanto, única, posto que estes encontros (re)configuram sentidos diferentes, igualmente singulares, tal como aponta Arthur Alves Silva:

Dentro desta abordagem, Paul Ricoeur coloca no centro da discussão a possibilidade de que o contato entre o autor e o leitor desencadeie uma nova produção de significado, “provocando a catarse [no leitor] e transformando-o em agente transformador da sua vivência”. Para Ricoeur o ato da leitura é feito no presente, voltando ao passado e remetendo ao futuro, em outras palavras, o leitor entra em contato com os referenciais do autor, compartilha seus códigos (passado), mas também com seus próprios referenciais (presente) produzindo significados diferentes e novos (futuro), realizando o que Ricoeur denomina por círculo hermenêutico.³¹

²⁹ RICOEUR, op. cit., p.77.

³⁰ Idem.

³¹ SILVA, Arthur Alves da. História e cinema na infância: a história dos povos indígenas e o ensino da linguagem cinematográfica na escola. *História e Ensino*, Londrina, v.20, n.1, p. 264, jan-jun, 2014,.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

Como vimos o ato de produzir leituras, textos, vídeos são formas de refigurar o mundo e revelar a compreensão do real tal qual concebemos. Filmes são excelentes formas de revelar estas representações coletivas/sociais. E mais, alargam o olhar e produzem novas formas de conceber a si e os outros, quando nos permitimos caminhar e não apenas sobrevoar as obras.

Contudo, em nosso artigo, objetivamos interpretar curtas-metragens desenvolvidos pelos alunos, e nesse sentido, compreender como estes registros audiovisuais remontam e reconfiguram sentidos vinculados às questões políticas e eleitorais nacionais na atualidade. Para tanto, apresentamos a seguir, a prática chamada “Comer e votar é só começar”, do contexto de elaboração e execução, com ênfase na produção dos curtas-metragens, para após, investirmos na interpretação dos mesmos sob a luz das contribuições de Benjamin e Ricoeur.

Apresentando a prática “Comer e votar é só começar”

A prática “Comer e votar é só começar” surgiu no contexto de uma prática de pesquisa colaborativa desenvolvida pelo grupo de Estudos da Localidade – ELO, na Universidade de São Paulo, no ano de 2009. Momento no qual buscávamos produzir práticas educativas que valorizassem conceitos como “localidade” e “cotidiano”. Desejávamos dar continuidade a um processo de práticas iniciadas com a produção do Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto (lançado no ano anterior).³²

Decidimos que os membros do grupo se dividiram em grupos menores e elaborariam propostas de práticas escolares com temas que, na

³² LASTORIA, Andrea Coelho (org.). *Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2008. 1 CD-ROM.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

compreensão dos envolvidos, fossem pertinentes a localidade de Ribeirão Preto/SP, a exemplo dos critérios usados no material (Atlas). Neste interim, o primeiro e o terceiro autores deste texto, dispuseram-se a iniciar a elaboração do planejamento de uma prática voltada às discussões políticas vinculando as mesmas ao tema do Coronelismo. Temática que envolvia diversas questões socialmente vivas³³, tais como a dinâmica política local, os partidos políticos, as relações dos poderes público e privado, situações que os dois autores haviam se debruçado quando da elaboração do Atlas.

De acordo com o solicitado pelo grupo, a primeira versão do planejamento foi apresentada e alterada, mediante as observações e questionamentos dos demais membros. Por fim, com base em experiências anteriores já desenvolvidas pelo primeiro autor, surgiu a ideia de propormos aos alunos a produção de curtas-metragens, com o formato de propaganda eleitoral.

A realização da prática se deu nos meses de setembro e outubro de 2010, período de campanha eleitoral para os pleitos de deputado estadual e federal, governadores, senadores e Presidente da República. As aulas (dois encontros de 120 minutos, realizados no período da tarde) foram desenvolvidas no Colégio “Vita et Pax” (rede particular de ensino) com os alunos do 9º ano (8ª série) nos dias 17 de setembro e 08 de outubro, período no qual o horário eleitoral obrigatório tomou a atenção de todos os brasileiros diariamente.

Para estabelecermos os objetivos dessa prática partimos do contexto escolar no qual costumeiramente e, a exemplo da sociedade em geral, há dificuldades de compreender os conceitos e as discussões políticas em geral. Especialmente sobre a política partidária há uma fragilidade quando se deseja relacioná-la com questões do *cotidiano* e do *lugar* vividos. Por isso, a partir do tema curricular coronelismo, objetivamos compreender algumas

³³ ALBE, Virgine & SIMONNEAUX, Laurence. L'enseignement des questions scientifiques socialement vives dans l'enseignement agricole: quelles sont les intentions des enseignants? *Aster*, Paris, v. 34, p.131-156, 2002.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

relações dos problemas cotidianos atuais com o passado político do município.

A execução se deu em dois encontros e envolveu além dos alunos mais uma integrante do ELO, a professora Rejane Teodoro Guimarães, que auxiliou o desenvolvimento da prática e realizou registros sobre a mesma. O primeiro encontro foi dividido em dois momentos. Inicialmente levantamos os conhecimentos prévios dos alunos sobre a política partidária brasileira (voto, cidadania, corrupção e outros). Eles demonstraram desapontamento, indignação e desilusão, fato que confirmou nossas impressões iniciais acerca do desinteresse e da aversão ao sistema político brasileiro, sobretudo aos partidos políticos.

Em seguida disponibilizamos dois artigos jornal local (A Cidade) que imprimimos para os alunos lerem individualmente. Seus títulos eram: “Vereador é a esperança para realizar sonhos” e “Eleitor não pode ‘virar freguês’, alerta vereador”, publicados em 12 de abril de 2009. A partir dessa leitura, objetivamos consolidar uma compreensão comum contexto político partidário brasileiro ancorado em nossa localidade, uma vez que, o primeiro artigo (escrito por Ricardo Canaveze) informava que os vereadores ribeirãopretanos recebiam inúmeros pedidos de caráter “clientelista”, o que segundo o próprio artigo não contribuiria para a melhora dos serviços públicos, por exemplo. O segundo, assinado pelos jornalistas Canaveze e Simei Morais, explicitava relatos de pedidos esdrúxulos recebidos pelos vereadores, como a doação de um vestido de noiva.

Na finalização o texto trazia uma análise de um professor da área de Ciências Políticas, segundo o qual tais práticas de trocas de favores existiriam desde a Primeira República e que caberia ao judiciário intervir nas relações de muitos vereadores com seus eleitores em diversas regiões do País, que não raramente abrem Organizações Não Governamentais – ONGs para, com verba pública obtida junto ao executivo, vender facilidades

à população, em troca de votos. Assim, prefeitos não são procurados por vereadores, que por sua vez, têm o instrumento necessário para se perpetuarem no poder.

Após a leitura os alunos demonstraram com mais veemência indignação e desilusão com eleitos e eleitores e suas práticas políticas cotidianas. Diante desse pessimismo, propusemos, por meio de exemplos, reflexões que articulam a política e o cotidiano e, que evidenciam o quanto as decisões políticas repercutem em tudo o que nos cerca e conseqüentemente, porque se faz *mister* nossa compreensão e participação nos processos decisórios políticos.

O segundo momento, realizado após um breve intervalo, foi uma aula expositiva como base a página do Atlas³⁴ já o referido, cujo título é “Legado dos Coronéis”. A página (composta por textos, fotos e música) esclarece as origens de conceitos como a patente da Guarda Nacional (Coronel), e como sugere seu título, explicita a herança política dos chefes políticos municipais, estaduais e nacionais que atuaram conjuntamente durante a Primeira República. Portanto, a partir da localidade focamos as permanências na mentalidade política brasileira, tais como o nepotismo, o clientelismo e o paternalismo.

Por fim, apresentamos a proposta de avaliação, a saber, organizar-se em quatro grupos para produzir curtas-metragens no formato semelhante ao horário eleitoral, mas com candidatos, partidos e propostas que eles considerassem “ideais”, sem as imperfeições que eles rejeitaram desde o início da prática. O procedimento incluía o uso do *software* de edição já conhecido dos alunos, *Windows Movie Maker*.

No segundo encontro, vinte e um dias depois, os quatro grupos apresentaram seus vídeos para toda a turma. A exibição foi aleatória e seguida da eleição do melhor vídeo e/ou candidato. Cada aluno-eleitor além de votar (oralmente) em espaço separado (voto secreto), sentado diante de dois professores, teve que explicitar e justificar o critério usado em sua

³⁴ LASTORIA, op. cit.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

escolha. Enquanto um docente perguntava o outro anotava as repostas e justificativas. Queríamos captar o critério de escolha de cada um, a escolha foi livre e, poderia ser de caráter técnico e/ou artística da produção, ou pela qualidade das propostas políticas, ou ainda, quaisquer outros.

Os vídeos possibilitaram o compartilhar das reflexões dos grupos e produziram uma materialidade favorecedora de muitas outras análises. Por fim, houve uma constatação coletiva de como a prática possibilitou conhecimentos novos acerca da política partidária nacional; sobre a participação política dos jovens – sujeitos capazes de mudar o espaço e o tempo; além de respeito sobre a pluralidade de posicionamentos e bandeiras de nosso cenário político.

Cabe salientar que a prática educativa descrita foi discutida e publicada em diferentes momentos e eventos acadêmicos. São eles: VII Encontro Nacional Perspectivas para o Ensino de História de 2009; V Simpósio de práticas educativas na Educação Básica em 2010; II Seminário Internacional em Educação: homogeneidade e diversidade em Educação em 2010 e XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia em 2011. Além de ter sido apresentada como um capítulo do livro “Elos de cidadania”³⁵ e usada em outros trabalhos científicos, como por exemplo, numa dissertação de mestrado em Educação³⁶.

O presente texto representa para nós mais uma possibilidade de refletir sobre a experiência educativa desenvolvida, a partir da (re) significação dos sentidos políticos, históricos, culturais e pedagógicos dessa experiência formativa, que a cada passo, nos dá maior ciência de sua

³⁵ SANTOS, José Faustino de Almeida; MELLO, Rafael Cardoso de; GUIMARÃES, Rejane; GODOY, Adriana. *Comer e votar é só começar*. In: LASTORIA, Andrea Coelho; ROSA, Antônio Vitor (Org.). *Elos da cidadania: localidade, escola e ação*. Ribeirão Preto: Compacta, 2014, v. 1, p. 33-50.

³⁶ SANTOS, José Faustino de Almeida. *O coronelismo nos manuais didáticos de História no Ensino Fundamental das escolas públicas de Ribeirão Preto-SP*. Ribeirão Preto, 2014. Dissertação (Mestrado – Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, FFCLRP/Universidade de São Paulo.

inesgotabilidade, como é próprio das práticas produzidas no interior das culturas escolares.

Descrição dos curtas-metragens

Para compreendermos os curtas-metragens desenvolvidos pelos alunos no final da prática, nos valem de uma apresentação mínima das quatro produções. A princípio, neste tópico faremos uma descrição das propostas e de como construíram os “horários eleitorais” para no próximo tópico analisar mediante Benjamin e Ricoeur, descritiva de início e depois analítica de cada um dos curtas. A ordem de apresentação aqui estabelecida segue a mesma no dia de realização da prática.

A – Curta-metragem “Propaganda eleitoral do PAVP – Partido dos alunos do Vita et Pax”

Esta produção de 06’26” (seis minutos e vinte e seis segundos) foi filmada inteiramente na sala de estar de um dos alunos, com câmera em plano médio, tendo como foco dois sofás de dois lugares. No sofá à direita, um aluno vestido com o uniforme da escola se apresentou (nome verdadeiro) e indicou que ali ocorreria uma entrevista com o candidato “Salsicha” (apelido real do aluno que representa o candidato), passando a palavra para o mesmo.

O candidato, vestido de camisa e gravata, respondeu “boa tarde” ao entrevistador, arrumou a gravata e retomou o olhar para a câmera repetindo o “boa tarde” ao público. Agradeceu a oportunidade pela entrevista e narrou sua trajetória (biografia) destacando características pessoais: “... boa tarde aos telespectadores presentes, para quem não me conhece sou o candidato Salsicha, tenho 22 anos, sou casado, tenho três filhos e uma empregada.”

Logo em seguida, o entrevistador questiona o candidato quanto a questões como saúde, educação e lazer. Enquanto respondia, o candidato se

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

manteve calmo e em tom de prosa com o entrevistador indicou alguns projetos de seu partido.

Quanto a Saúde, a proposta do PAVP será o “*Pré-Médicos*”, um projeto que tem como objetivo criar consultas prévias, ou melhor, nas palavras do candidato, “consultas antes da consulta real, para diagnosticar o real problema do paciente para que o médico tenha total controle do que receitar e do que fazer com o paciente”. E diz mais, para além das pré-consultas, o *Pré-Médicos* irá dobrar os salários dos médicos, já que “eles (os médicos) se esforçam muito por nós, né?” (sic).

Na Educação, o Partido criou o “*Por mais educação*”, um projeto que visa criar mais “escolar, universidades para professores capacitados”, além de igualmente aumentar o salário dos professores que “se matam para educar os alunos” (sic). Quando indagado sobre projetos com a juventude, o candidato diz que irá investir em lazer e sugeriu a criação de shoppings, barzinhos, parques de diversões e bibliotecas para tal, já para os idosos, a criação de novas praças e “aulas de computação”, para que “eles fiquem a par das novidades”.

Quanto aos transportes, o candidato prometeu trazer o metrô para a cidade (aqui, o grupo se confunde em projetos nacionais, estaduais e locais). Destaque para a ênfase na diminuição do tempo de espera nos pontos e terminais de ônibus, além da atenção com o acesso aos portadores de necessidades especiais.

Já no final da entrevista, o PAVP indica o aumento do salário mínimo de 510 reais para 785 reais, visando um aumento do potencial de consumo e de sobrevivência financeira das famílias brasileiras.

Para terminar, os alunos fazem um “jingle”, com dois alunos efusivamente cantando, de pé e na frente dos mesmos sofás, a seguinte canção: “Aperte o 6, aperte o 9, Salsicha 69!!! Ele é o rei das criancinhas e também das velhinhas!!! Salsicha 69!!!”; os dois meninos saltam para as

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

laterais do sofá e o candidato apareceu por detrás do móvel, dizendo, enquanto indicava o dedo para a câmara: “oi, eu sou o Salsinha, conto com o seu voto para a Presidência da República, vote 69, vote consciente”.

B – *Curta-metragem “Propaganda eleitoral do PJ3D – Partido da Juventude 3D”*

Com 03’20” (três minutos e vinte segundos), este grupo produziu muitas filmagens, internas e externas, demonstrando dedicação na edição. De início, uma música “dance” acompanhou a foto da candidata e a logo do PJ3D.

Sentada em uma poltrona, a candidata se apresentou como “Daniela Dias Duarte” (nome fictício), representante do PJ3D, e prometeu “mudar a sua vida em três dimensões” (sic).

As dimensões foram apresentadas em um jogo de imagens, fotos e vídeos com vários membros diferentes do grupo, edição de vídeo, uso do colorido e do preto-e-branco, óculos 3D (alusão ao nome do partido e das propostas), etc.

A primeira dimensão foi apresentada como o meio ambiente. Caminhando num gramado, a aluna discursou sobre os problemas ambientais que a cidade ali apresentava e trouxe soluções como: “aumentar a quantidade e qualidade do verde nas áreas urbanas”. Justificou este posicionamento utilizando o argumento de que as árvores são necessárias pois diminuem os impactos da urbanização, por fim, frisou: “plante uma árvore!”, enquanto o vídeo de membros do grupo plantando sementes fechava a dimensão 1.

A segunda dimensão seria a Educação. De início, a candidata prometeu construir mais escolas públicas de qualidade, pois “são o futuro da nação” (sic). Neste momento, num êxtase áudio visual, a candidata é perseguida por 20 crianças de aproximadamente cinco anos, ao som de “We are the champions”³⁷, música mundialmente conhecida interpretada pela banda Quenn.

³⁷ “Nós somos os campeões”.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

E, por fim, a terceira dimensão – a Saúde. A proposta da campanha aqui se fez mais teatral. Uma moça (membro do próprio grupo) finge desmaio, e outras duas vestidas de branco (médicas) passam pela primeira e a ignoram. Ao lado, a candidata observa de perto e diz em tom de tristeza olhando para a câmera: “Não é isso que você quer para a Saúde pública, não é mesmo?”. Logo em seguida, o mesmo quadro se repete, com a mudança de comportamento dos médicos, posto que ao perceberem o desmaio da moça, partem prontamente para o seu auxílio. A candidata aparece novamente e diz apoiar o atendimento público.

Sentada, como no início, a candidata finaliza: “Vote Daniela Dias Duarte, 30, prefeita de Ribeirão Preto”.

C – Curta-metragem “Partido Renovador”

Este curta-metragem teve apenas 01’40” (um minuto de quarenta segundos). De início, o grupo produziu uma cena inicial com um fundo vermelho, com letras pretas indicando o nome do partido – “Partido Renovador”. Após a entrada, duas alunas salientaram que um dos principais problemas do Brasil “é a poluição”, cabendo ao partido, com investimentos na educação, a responsabilidade de “conscientizar o povo brasileiro a melhorar o planeta”.

A seguir, um grupo de fotos de paisagens naturais, campos, flores, cachoeiras, intercaladas por chaminés de indústrias, carros e produtos químicos, acompanhado por uma música romântica, indicaram a necessidade de refletirmos sobre as questões ambientais e a educação (no final, os alunos inseriram imagens de salas de aula, escolas e lousa).

O curta-metragem finaliza com uma mensagem: “Não se esqueçam de votar no Partido Renovador, vote 18”.

D – Curta-metragem “Propaganda Política Ideal”

Este grupo investiu numa apresentação de 02’10” (dois minutos e dez segundos). Com a tomada tradicional de propaganda eleitoral (plano que

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

valoriza o busto do personagem), o candidato se apresentou como Luís Henrique (nome verdadeiro), presidenciável nas eleições, demarcando seu posicionamento acerca da governamentalidade com a fala: “não posso fazer promessas que não sei se conseguirei cumprir, já que o governo não é composto por somente uma pessoa”.

Continuou seu discurso salientando a importância com o respeito às contas públicas e de como ele não deve ser considerado um cidadão diferente, apenas por ser candidato (político).

Logo em seguida outro membro do grupo disse: “eu estou aqui para não falar mal de ninguém”. E, com a frase “o que não fazer”, vídeos produzidos pelos próprios alunos contendo práticas de corrupção e violência foram, posteriormente, criticados pelo candidato. Ao som da música “Que país é esse”, interpretada pela banda Legião Urbana, uma foto do aluno, com número e nome finalizaram a proposta.

Os curtas-metragens, o ensino de História e a (re)configuração do real

Sobre as produções acima descritas, cabe salientar que tanto o contexto de produção (escola) como os autores (alunos do último ano do ensino fundamental II) devem ser lidos como sujeitos desconhecedores de técnicas específicas do universo audiovisual. Obviamente não são produtores, nem cineastas, muito menos atores, técnicos em cinema e arte. Outros pontos a serem destacados são a idade (os alunos tinham naquele momento entre 13 e 14 anos) e a forma com que a prática foi desenvolvida (encontros no período da tarde, inverso as aulas regulares), na medida que cedem contornos importantes aos recursos de produção de vídeos e, naturalmente, para nossa avaliação.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

A princípio, os curtas-metragens acima realizam boa parte dos objetivos enumerados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais³⁸ para o ensino de História no ensino fundamental. Por exemplo:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais...;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; [...]
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.³⁹

Portanto, cumprindo tais finalidades preconizadas pelos documentos oficiais, a leitura dos curtas indica inicialmente que a prática foi bem sucedida, já que os objetivos foram (parcialmente) percebidos e assinalados. Pontuamos isto tendo em vista os indícios percebidos nas falas críticas e geralmente oportunas ao nosso processo político, mediadas por projetos propositivos e apresentadas de forma coerente e respeitosa.

Outra característica interessante é a percepção de si como sujeito transformador do tempo e do espaço, materializada na complexa tarefa de elaboração, planejamento e execução dos vídeos, cujos planos de governo, comportamentos e ideias tiveram que se moldar nos limites e especificidades de uma linguagem elaborada com recursos audiovisuais.

³⁸ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

³⁹ Idem, p.05.

Como já disse Luís Cerri ⁴⁰, a história ensinada serve para “pensar historicamente”, refletir o seu tempo a partir de elementos que não ali estão, posto se colocarem na curta, média e longa duração. Serve também para criar ou destruir identidades, na medida em que cada sujeito se propõe a tal. Em última instância, o ensino de história contribui para uma estimulação da “participação dos indivíduos nas práticas de cidadania”.

Outra contribuição do ensino de História e Geografia pode ser encontrada em texto recentemente publicado pelo grupo do professor Humberto Perinelli Neto, que narra a experiência do uso de curtas-metragens em um curso de graduação em História no interior do estado de São Paulo e os ganhos para o ensino de História e Geografia nascidos desta experiência:

[...] tendo em vista que estes curtas metragens enfatizam temas nacionais a partir de especificidades locais/regionais, partiu-se da ideia de que a elaboração favorece reflexões sobre a conquista da cidadania e da valorização do vivido, à medida que estes vídeos estão centrados em certos espaços sociais (praças, ruas, bairros, entre outros). Ao serem discutidos os motivos que levaram a construção deste ou daquele espaço urbano, os fatores que influenciaram na formação de certo grupo social e as ações de determinado personagem, entre outros assuntos, pode o professor de história tecer uma visão desnaturalizada da realidade social que cerca os alunos, algo fundamental para a prática de um ensino de história efetivamente crítico. ⁴¹

Nessa medida, é notório a presença de um ensino efetivamente crítico, em função da identificação dos problemas sócio-político-ambientais (questões socialmente vivas) pelos alunos, ao seu modo e em seu contexto. Todas as propagandas político partidárias defendiam veementemente a mudança da sociedade e a correção de situações por eles tidas como equivocadas. Elencadas de forma mais presentes em alguns grupos e menos em outros, as diferenças sociais, a violência, a corrupção, os salários baixos, a falta de respeito com o dinheiro público, foram responsabilizadas pelo não

⁴⁰ CERRI, Luís Fernando. Os objetivos do ensino de História. *Historia e Ensino*, Londrina, n. 1, v. 5, p. 142, out. 1999.

⁴¹ PERINELLI NETO; PAZIANI & MELLO, op. cit., p. 73.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

progresso e não desenvolvimento ambiental, econômico, social, moral de nossa sociedade (seja ela local ou nacional). Portanto, a princípio, os curtas mobilizaram novas formas de apresentar e identificar tais problemas.

Quanto a questão de movimentar conhecimentos e promover a filmagem da propaganda, a edição, a escolha de trilha sonora, o planejamento do texto e a execução do todo em si, tomamos como ponto fundamental do projeto a construção e a visualização de si próprio como candidato, convite para refletir acerca de um plano de governo e comunicá-lo a sociedade mediante uma propaganda política “adequada”.

Cada qual, ao seu modo, se deteve sobre estas questões. Questionou os limites do discurso audiovisual e problematizou a propaganda política no tocante as questões éticas e morais (falar bem ou mal de outro candidato, mentir ou falar a verdade, prometer ou não realizar promessas, etc). Dado este aspecto igualmente importante, os curtas revelam um aproveitamento maior dos objetivos da prática.

O fato de o colégio estar assentado no paradigma religioso também deve ser destacado. A maioria dos alunos envolvidos vivenciou a mesma instituição desde os primeiros anos da idade escolar. Tal característica moral (fundo cristão) se apresentou (em maior ou menor medida) em todas as produções, visto a forma com que as críticas às atividades ilícitas, ilegais, imorais, não caridosas ou desatentas as mazelas sociais se materializaram. Possivelmente, parte destes discursos seja proveniente de suas famílias (alunos de classe média), da mídia (internet, televisão, jornais, etc), da formação não escolar; lugares comuns que se repetiram em frases feitas e/ou discursos prontos.

Exemplos desta presença podem ser percebidos na fala do candidato “Salsicha” (GRUPO A), quando o mesmo diz que os médicos “se esforçam muito por nós”, ou quando a candidata “Daniela” (GRUPO B) convidou a todos a plantar uma árvore. Contudo, chamamos a atenção para a defesa dos

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

professores, mesmo diante de um contexto crítico a profissão docente, na fala do candidato “Salsicha” em que a caracteriza positivamente, já que “se matam para educar os alunos”.

Em linhas gerais, todos se pautaram nos modelos já consagrados de propaganda eleitoral, tanto nos aspectos de ordem estética (os candidatos estavam bem vestidos, alguns de terno e gravata, sentados com pernas cruzadas, aceno com as mãos, sorrisos, usos das crianças, “jingles”, lugares comuns das propagandas eleitorais) quanto os de conteúdo (tratamento bastante superficial as questões como “educação”, “poluição”, “violência”, sem aprofundamento ou trato diferenciados).

A partir dos pressupostos de Paul Ricoeur, estes curtas-metragens podem ser considerados mimeses da realidade. Produções que dizem muito mais da forma com que os alunos lidam com o real – política partidária, do que da política partidária brasileira em si.

Ao pontuar a corrupção e os problemas com saúde pública, os alunos entregam uma leitura dos fatos que contorna e configura a sua interpretação da realidade. Os curtas narram a realidade dos alunos, mesmo que nenhum deles tenha sido usuário da rede pública escolar, hospitalar, etc.

A crítica do GRUPO D é uma refiguração diferente das demais. Quando salientaram que toda promessa de campanha político partidária é vazia, posto o governo não realizar as ações (seus desejos) sozinhos, os autores da prática entenderam que a realização da prática ressoou sentidos bastante positivos na construção do discurso.

Como projeção do real político o grupo destaca a necessária realização de diálogos internos (entre os membros do partido) e externos (entre membros de outras agremiações) gerando pólos de situação e oposição. Repetem a não tolerância a corrupção e violência, se ausentando de explicações de como farão, com quem conversarão, como promoverão o fim destas atividades, etc.

Produzir este curta mobilizou conhecimentos dialogados na vida (escolar e não escolar) destes alunos. Segundo Benjamin, a experiência de

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

produzir estes filmes e observar as produções dos demais alunos, colabora com uma apreciação estética da “falta”. Posicionados como sujeitos produtores e espectadores, os alunos eram críticos de si e dos demais, enquanto buscavam aquilo que “faltava” nos filmes para “se completarem” em um real “propaganda eleitoral”.

Mesmo que discursivizado, este real – propaganda eleitoral – dos alunos revelou gestos, roupas, cruzadas de pernas, gravatas, “jingles” que conformam tradicionalmente os partidos existentes. Não houve, em nenhum caso, uma destruição da forma e da estética da propaganda eleitoral, e, em apenas no caso do GRUPO D, uma alteração do conteúdo.

Mesmo quando observamos a propaganda do GRUPO D novamente, outro ponto se faz contraditório. O candidato diz claramente – “não sou um cidadão diferente de nenhum outro”, porém, as roupas, o linguajar, a forma incisiva em apontar os erros da sociedade e de como pretende corrigi-los se eleito, indicam uma forma diferente de apresentar-se aos eleitores. Apesar de ser contrário as formas de como parte dos partidos políticos brasileiros atuam nas propagandas, o GRUPO D não deixa de repetir algumas incoerências que eles mesmos combatem.

Os GRUPO A, GRUPO B e GRUPO C veiculam dizeres conhecidos e saturados no marketing político. Como posto, a vestimenta diferenciada, os gestos, o linguajar formal, uma postura civilizada de gestor dos problemas são exemplos disso. Com pouca novidade, os grupos viabilizaram leituras conservadoras e pouco problematizadoras do real. A preocupação com a estética da propaganda eleitoral ficou maior do que com o que propor como solução aos problemas elencados durante os encontros pré-confecção do vídeo.

O que não descaracteriza o ganho, na medida em que apontamos que cada grupo demonstrou ter consciência desta estética da propaganda –

planos utilizados, tempo para fala, a tratativa formal e a demonstração da consciência dos problemas sociais.

Considerações finais

O ensino de História e Geografia atualmente vem ganhando novos contornos, mediante não apenas aos ganhos tecnológicos, as TICs, como a ressignificação dos sentidos do ensino, dos conteúdos e da metodologia de ensino destas duas áreas.

Segundo Catarina Martins, o uso das novas tecnologias podem levar a três grandes mudanças no modelo pedagógico que temos, na medida em que: 1) serviriam para legitimar a pedagogia tradicional, alterando apenas a forma com que as práticas que a escola em longa duração insiste em manter, situação por ela chamada de hiperescolarização; 2) a descolarização, uma outra forma de escolarização que negaria a relação formal professor-aluno e propiciaria formas de ensino mediatizadas por ferramentas e pela tecnologia (o fim da escola) e 3) a refundação – a transformação de todos os envolvidos com a educação, das práticas, do currículo e do trabalho do professor, garantindo igualdade, equidade e inclusão⁴².

Em acordo com a terceira esfera, neste artigo indicamos que as relações entre o Cinema e a Educação, em especial, os curtas-metragens e o ensino de História e Geografia, já ocupam destaque na agenda de pesquisas dentro desta seara, e os trabalhos citados neste artigo apontam para a necessidade de mais investigações sobre este diálogo.

Partindo do desejo de uma formação política, desejosa pela quebra de perspectivas preconceituosas acerca da política partidária, encontradas em dizeres como: “política não se discute”, “todo político é corrupto”, nos enveredamos em um projeto para problematizar a política partidária, a luz de problemas de que são nacionais e locais, ao mesmo tempo.

⁴² CARVALHO, op. cit.

“Caminhar”, “(re)configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP

| Rafael Cardoso de Mello

| Andrea Coelho Lastoria

| José Faustino de Almeida Santos

A prática “Comer e votar e só começar”, trouxe várias oportunidades para os autores deste artigo de refletir academicamente sobre os ganhos no processo ensino-aprendizagem, porém, pela primeira vez nos deparamos frente a uma análise qualitativa dos curtas-metragens produzidos, sobre seus significados e as possibilidades de interpretação.

Amparados em Benjamin e Ricoeur, entendemos que a produção dos curtas-metragens assumiu caráter significativo na prática. Os teóricos nos permitiram caminhar para além de uma postura meramente positiva e satisfatória da nossa interpretação inicial. A princípio, pensávamos que nossa prática havia produzido sujeitos transformadores, críticos, muito em função da presença das questões socialmente vivas em todos os vídeos. Após a incorporação desta interpretação da estética da propaganda eleitoral e da refiguração do real, entendemos que tal criticidade não desmontou uma postura tradicional, politicamente enraizada de tempo de fala, gestual, moda, formulação de propostas para os problemas indicados.

Esta leitura mais fina não anula os ganhos defendidos pelos autores em textos anteriores, mas as requalificam, potencializam e convidam a um replanejamento daquilo que inicialmente pensávamos, quando discutíamos se comer e votar, bastava começar.

Recebido em 30.07.2015

Aprovado em 14.09.2015